



## **TV sem infância. Ausência de programação infantil na TV aberta da Argentina e seus efeitos nocivos nas crianças<sup>1</sup>.**

Autor: Mario Ezequiel Diaz Savino<sup>2</sup>

O autor é pesquisador da *Universidad Católica de Santiago del Estero* (UCSE) em Buenos Aires e do *Instituto Superior de Jornalismo Cardenal Ferrari*, Buenos Aires, Argentina. A principal fonte de investigação são os meios televisivos, seus efeitos em crianças e as formas de transformação cultural de acordo com os conteúdos televisivos.

### **Resumo**

O trabalho indaga sobre a ausência de programação infantil com conteúdos adequados para crianças entre 1 e 6 anos de idade na televisão aberta da cidade de Buenos Aires, Argentina. Feita entre 2005 e 2008, a pesquisa comprova a falta de programação para o público dessa idade, descrevendo os ciclos que desrespeitam conteúdos regulamentares do Horário de Proteção à Criança e Adolescente. O trabalho alerta sobre os possíveis prejuízos no desenvolvimento cognitivo e psicológico que os programas provocariam nas crianças diante de situações que ainda não podem compreender corretamente. O choque entre as condutas televisivas socialmente aceitas e a realidade mesma poderia gerar diversos traumas na adolescência ou na vida adulta. A problemática questiona a qualidade televisiva e o espaço dedicado ao público infantil na TV aberta<sup>3</sup>.

### **Palavras-chave**

Consumo cultural e efeitos; televisão; recepção e percepção das mídias audiovisuais; meios e mensagens; processos cognitivos.

### **Introdução**

O aumento de casos de alunos agressivos na escola, as mudanças na conduta tanto em sala de aula como dentro da casa, a distorção de valores, o uso vulgar da linguagem e um progressivo adiantamento do traspasso da infância para a adolescência tem gerado suspeitas dos possíveis efeitos nocivos que os conteúdos da televisão não adequados para o público infantil poderiam provocar em crianças entre 1 e 6 anos.

Meninos e meninas dessa idade são o público televisivo que passa a maior quantidade de horas frente a tela, expostos a cenas de sexo, violência, discriminação, mentiras e incitação ao consumismo. O público infantil representa o principal consumidor de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom será inscrito na Divisão de Comunicação Audiovisual nos Grupos de Trabalho do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Ezequiel Díaz Savino é licenciado em Comunicação Social da Universidade Católica de Santiago del Estero (UCSE), na Argentina, e formado em Jornalismo pelo Instituto Superior Cardenal Ferrari. Trabalha há mais de sete anos em meios de comunicação e desde 2005 é repórter do Jornal do Comércio, no norte catarinense. Pesquisa sobre os efeitos da mídia, cognição e transformações culturais. Contato: [ezequieldiaz@yahoo.com](mailto:ezequieldiaz@yahoo.com), [ezequieldiazsavino@hotmail.com](mailto:ezequieldiazsavino@hotmail.com)

<sup>3</sup> As traduções de títulos de livros, extratos de documentos e nomes de entidades escritos em espanhol foram feitas pelo autor.



televisão aberta e a faixa populacional que mais aumentou as horas de exposição televisiva no menor período de tempo. As crianças chegam a ver mais de 200 publicidades diárias. Porém, são os espectadores com menor número de ciclos dedicados exclusivamente a eles. Ante a falta de opções na televisão aberta, o público infantil assiste ciclos cujo conteúdo não está adequado a sua idade, sem conseguir decodificar ou compreender corretamente o significado de mensagens e imagens.

O estudo foi realizado na cidade de Buenos Aires, capital da Argentina, entre 2005 e 2008, utilizando o método hipotético-dedutivo, com um perfil exploratório e introduzindo pesquisas a nível quantitativo para reforçar a comprovação da hipótese.

O ponto de partida foram as pesquisas de mercado realizadas pela Consultora Mora e Araujo, junto com uma enquête complementar do Instituto TEA Imagen, que chegaram à seguinte conclusão: a penetração das mensagens televisivas alcança 82,63% da sociedade argentina<sup>i</sup>. Num país onde mais de 95% da população possui um ou mais de um televisor por domicílio, a influência do conteúdo publicitário, ficcional ou informativo atua diretamente sobre os espectadores<sup>ii</sup>.

A incidência consciente ou inconsciente da TV na população toda, incentivou o desenvolvimento da pesquisa para demonstrar como a programação não preparada para as crianças pode prejudicar seu desenvolvimento. Foi comprovado o déficit de programação infantil e os possíveis efeitos de ciclos que transgridem a legislação, expondo conteúdos não adequados dentro do Horário de proteção à Criança e o Adolescente, conhecido na Argentina como Horário de Proteção ao Menor (HPM). O HPM se estende das 08.00 às 22.00 horas.

A faixa de idade foi definida devido a que esse público representa a fase de desenvolvimento humana mais importante de acordo com Jean Piaget, quando as pessoas definem seu caráter, valores morais, começam a utilizar a linguagem, criar seus próprios conceitos de correto ou errado e idealizar pessoas ou personagens fictícias. A magnitude do problema não somente é atribuída às condutas que a televisão exhibe, mas também à capacidade da televisão criar modelos de conduta, parâmetros de comportamento pelo fato de ser considerado como um ente transmissor de cultura.

Lorenzo Vilches, Melvin De Fleur, e Joan Ferrés são alguns dos pesquisadores de renome que destacam a importância da TV na projeção de modelos de cultura na sociedade e como as crianças são vulneráveis a estas mensagens. Através da TV as crianças podem entender de forma errônea os laços sociais das comunidades, dos parâmetros de conduta e dos comportamentos culturalmente esperados ou aceitos.



De acordo com a doutora em socióloga da Universidade Complutense de Madrid, María del Carmen García Galera, a violência televisiva pode prejudicar o desenvolvimento do público infantil. Pesquisas científicas na área social feitas na Inglaterra e nos Estados Unidos também demonstraram que a exposição prolongada a imagens violentas durante a infância provoca na idade adulta reações violentas e insensibilidade diante de situações de agressão<sup>iii</sup>.

A pesquisa não pretendeu atacar o sistema televisivo, que dependendo dos ciclos, pode se converter numa ferramenta útil para o desenvolvimento cognitivo do público infantil. A pesquisa demandou gravações de programas, jornais, revistas de divulgação e internet, junto com investigações científicas, análises semiológicas e estudos quantitativos e qualitativos. A gravação dos ciclos aconteceu em abril, maio e junho de 2005, entre março e abril de 2007, e em maio de 2008, para traçar uma projeção sobre melhoras ou agravamentos do fenômeno. Durante o período, não foram registradas melhoras importantes no aumento de programas adequados para crianças na TV aberta, nem na qualidade dos conteúdos televisivos.

### **Programa infantil e realidade**

Diante da quantidade de horas que as crianças assistem ciclos não adequados para elas, o estudo categorizou as características que um programa infantil deve ter para se converter em uma ferramenta pedagógica transmissora de conhecimentos que permita aos espectadores se divertir apreendendo.

Os ciclos deverão demandar um comportamento ativo por parte do receptor (criança) diante dos estímulos sonoros e visuais, incentivando a decidir, pensar, realizar ações e, como resultado, apreender. Também deverão promover ativa, de resposta, por parte do telespectador.

Um estudo desenvolvido na Espanha, em 2005, para o Instituto Oficial de Rádio e Televisão (IORT), a Rede de TV Espanhola (RTVE) e o Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais<sup>iv</sup> descreveu os conteúdos de risco que podem prejudicar o desenvolvimento do público infantil e priorizou os valores que devem ser introduzidos na programação para tentar reverter estes efeitos. O material audiovisual considerado de risco tem conteúdos que discriminam à mulher, promovem a violência com cenas de agressão verbal ou física, ou apresentam comentários racistas ou xenófobos. A exaltação do consumismo também é considerada como um conteúdo prejudicial porque mostra como normal a falta de autocontrole e irresponsabilidade na despesa de finanças.



Os conteúdos pornográficos, a apologia das drogas, o álcool, os jogos de azar e a degradação da linguagem fazem parte da lista. O culto excessivo do corpo, é um fenômeno que cada vez mais provoca efeitos negativos nas crianças que se preocupam demais com os cuidados estéticos. Muitos de estes exemplos poderiam criar condutas imitativas provocando doenças como anorexia, bulimia ou vigorexia. Inclusive são de risco os conteúdos que violam o direito à honra, à integridade pessoal ou familiar e à própria imagem.

Dentro das considerações básicas de um programa infantil, deve ser privilegiada a educação de valores ao longo do programa, além de promover rasgos positivos de convivência em sociedade e o civismo. O programa não poderá ter desenhos animados violentos e diante dos conflitos ou problemas, a resolução deverá surgir do diálogo e da conversa, com um mediador ou sem ele, respeitando a divergência de opiniões.

A meta do ciclo infantil também será oferecer ao telespectador exemplos de socialização, normas respeitadas pela sua cultura ou culturas diferentes e educação cívica. Higiene, bons modos na hora das refeições, respeito aos adultos e idosos, e o uso correto da língua são outros pontos que deverão estar inclusos no ciclo.

Em função do grau de desenvolvimento das crianças, os programas deverão estar assentados sobre as mensagens, ou seja, no código oral, entanto a utilização de imagens será empregada como complemento para esclarecer ou melhorar o entendimento daquilo que está sendo narrado. A voz da pessoa que apresente o programa deverá ser clara e precisa, com frases curtas e utilizando palavras que sejam conhecidas pelos espectadores, ou clarificando o significado das palavras novas. De esta forma, a criança irá se acostumando à decodificação das mensagens, inclusive abstratas, promovendo o desenvolvimento cognitivo, incentivando a imaginação e o pensamento mais complexo.

### **Fatores de atenção nas crianças**

Uma das investigações mais relevantes sobre o grau de atenção que as crianças dão aos programas televisivos educativos para sua idade foi desenvolvida pela Children's Television Workshop sobre o programa americano 'Sesame Street' ou 'Vila Sesamo'. O resultado da pesquisa afirma que: “

- 1 - Crianças escolhem os programas que mais chamam a atenção, apreendendo a assistir e decodificar a televisão através da própria experiência com o médio.
- 2 - Os conteúdos que não sejam entendidos pelo público provocam a rejeição do programa.
- 3 - A atenção das crianças na TV aumenta com a idade até os seis anos e permanece estacionária até os dez anos.



- 4 – Crianças tendem a desatender a mensagem verbal quando o som de fundo não está bem integrado à imagem. Este fator é importante na hora de explicar noções abstratas.
- 5 – As situações humorísticas aumentam a atenção e a aprendizagem, beneficiando a retenção de conhecimentos.
- 6 – Efeitos especiais, jogos de câmeras, alterações nas cores e movimentos não oferecem grandes resultados para melhorar o grau de atenção.
- 7 – É importante marcar as transições entre os segmentos do programa, indicando quando começa um e termina o outro. Caso contrário, o espectador tende a perder a atenção na hora da transição.
- 8 – As vozes infantis despertam maior atenção do que as vozes adultas”.

## **Hipótese**

A confirmação da hipótese principal do trabalho utilizou o método quantitativo para criar um índice de representatividade para cada público, com o objetivo de poder estabelecer a quantidade de público infantil existente na cidade de Buenos Aires e sua representatividade em percentagens. A criação deste parâmetro serviu para estipular que cada faixa etária da população deveria ter uma porcentagem de programação televisiva igual ou aproximada à porcentagem que representa nos censos da população. Com os dados do peso que o público infantil possui no campo de estudo foi possível comprovar se as crianças estavam ou não sendo consideradas pela programação televisiva através de ciclos infantis adequados.

Em virtude das documentações anteriores, entre 2005 e 2008, foi confirmada a hipótese da tese sobre a ausência de programação infantil para crianças entre 1 e 6 anos de idade na cidade de Buenos Aires.

No mês de julho de 2005, a pesquisa confirmou que dos 12 ciclos catalogados pelas emissoras como infantis somente quatro tiveram conteúdos adequados pelo fato de não exibir ações violentas ou promover maus exemplos. Através dos dados, foi possível determinar que dos 225 programas semanais transmitidos pelos cinco canais da televisão aberta, as crianças somente tiveram uma representatividade televisiva de 1,77% na programação, apesar de representar 11,08% da população da cidade. Considerando que o último Censo Nacional 2001 registrou na Capital portenha 2.776.138 milhões de habitantes; as crianças entre 1 e 6 anos somam aproximadamente 307.664 pessoas e representam 11,08% da população da cidade. Como resultado, não há representação real desse segmento da população, o público infantil possui uma defasagem da representatividade televisiva de 9,31%.

Dois anos depois, apesar das denúncias públicas sobre a falta de programação infantil na TV, não houve registro de melhoras. Sobre 169 ciclos, as crianças tiveram uma



representatividade televisiva de 2,36 % e uma defasagem de 8,72% que excluiu 26.828 crianças que gostariam de assistir programação dedicada a elas.

Nenhum dos programas catalogados como infantis ao longo do estudo possuem índices de audiência com pelo menos a metade da população dessa idade. Do registro de ratings do IBOPE, onde 1 ponto equivale a 96.782 mil pessoas, o fato dos programas infantis na grade marcar menos de um ponto de audiência confirmou:

- 1) A ausência de programação disponível para crianças de 1 a 6 anos.
- 2) Distribuição em horário errado dos ciclos nas grades.
- 3) Escasso interesse da programação considerada infantil nas crianças.

Como complemento foi reforçada a seguinte perspectiva: Se as crianças dessa idade são as que permanecem maior tempo diante da televisão, com um mínimo de três horas diárias, mas somente 31,45% desse total vê os programas infantis disponíveis, pode se afirmar que diante da falta de opções de qualidade, em horários em que as crianças estão em casa, estas se transformam em telespectadores de outros gêneros televisivos, com conteúdos não adequados a seu desenvolvimento cognitivo, como a tese enunciou na hipótese.

### **Programação disponível**

Na cidade de Buenos Aires, o sistema de televisão aberta dispõe de cinco emissoras que são captadas pela grande maioria da população: Canal 2 ‘América’, Canal 7 (do Governo Nacional), Canal 9, Canal 11 ‘Telefé’, e Canal 13.

Em 2005, foi registrada a existência de 225 ciclos que alcançaram difusão diariamente ou semanalmente nos cinco canais da TV aberta da cidade ao longo do período do estudo. Sobre esse total, doze programas foram catalogados pelas emissoras como infantis, porém, somente quatro deles tinham algumas das características mencionadas anteriormente para promover o desenvolvimento cognitivo.

Somente 5,3 % de toda a programação estava dedicada a ciclos infantis: Canal 9 tinha três (‘Barney’, ‘Moranginho’ e ‘Sonhos mágicos’), América, quatro (‘Pokemon’, ‘Fimbles’, ‘Dora a Exploradora’ e ‘Bob Esponja’), Canal 7, dois (‘Crianças.com.ar’ e ‘Desenhando à tarde’) e Telefé, três (‘As Meninas Superpoderosas’, ‘O chapolino’ e ‘Chaves’).

Do total, somente quatro programas da grade foram considerados infantis (‘Dora a exploradora’, ‘Os Fimbles’, ‘Barney’ e ‘Moranguinho’) por ter conteúdos não violentos e promover o desenvolvimento psicológico e cognitivo. Destes ciclos, ‘Barney’ foi o



único que não era desenho animado, apresentando maior diversidade, e reunindo maiores atributos para promover o desenvolvimento cognitivo. Porém, os outros programas também tinham parte dos requisitos mencionados anteriormente.

‘Chaves’ e o ‘Chapolino’ não foram considerados infantis por ser uma série para um público de maior idade e não apresentar bons exemplos que possam ser decodificados pelo público do estudo. Já o resto dos ciclos são em verdade desenhos animados que possuem alto conteúdo de violência física e psicológica, maus exemplos, discriminação, apologia do consumismo, e situações que poderiam prejudicar o correto desenvolvimento das crianças.

Em 2008, nos mesmos canais de televisão, houve uma diminuição do número de programas da grade para 169, porém mantendo quatro programas com conteúdos aptos para o público infantil. No entanto, Canal 7 e Canal 2 não exibiram ciclos para crianças, apesar de manter mais de 30 programas no ar, de segunda a domingo.

Na procura de aumentar os índices de audiência, muitas emissoras optaram por diminuir o espaço dedicado às crianças, aumentando programas de variedades com uma faixa etária aberta. No entanto, esse critério utilizado pelos canais diminuiu a representatividade das crianças nas grades de programação, como também o direito a uma maior diversidade temática na tela que garanta o espaço televisivo que esse público merece por seu peso populacional.

### **Desenhos animados versus programas infantis**

Os desenhos animados são representações simbólicas e psicológicas de heróis ou personagens com poderes sobrenaturais ou de animais com características humanas, que experimentam sentimentos de: temor, ira, amor, remorso, ciúmes, ódio, etc<sup>v</sup>. Podem ser definidos como bons, malvados, ou até experimentar sentidos ambivalentes, dependendo das situações enfrentadas na história. Essa última característica é própria dos mais novos desenhos animados cujo público não somente são crianças, mas também adolescentes e adultos.

Um estudo aprofundado sobre desenhos animados na televisão aberta, desenvolvido por especialistas do COMFER documentou que na grande maioria dos ciclos considerados para o público infantil exibem situações de violência física ou psíquica<sup>vi</sup>, destacando que na maior parte dos casos estas condutas agressivas não possuem argumentos sólidos para justificar a atitude. A gravidade do problema diante desses conteúdos é que até as





personagens heróicas ou ‘os bons’ também não consideram o diálogo ou a negociação como uma instância prévia ao desenlace violento.

Segundo as afirmações de Shaffi<sup>vii</sup> sobre o desenvolvimento humano, o fato das crianças não poder distinguir até depois dos seis anos de idade entre aspectos da realidade e outros pertencentes ao mundo fantástico faz necessário explicar a influência dos desenhos animados. Inclusive, para Ferrés, estas características psicológicas tornam as crianças especialmente vulneráveis ante a incapacidade de distinção entre imagem fictícia e realidade<sup>viii</sup>. Em paralelo, as repercussões das mensagens televisivas dos desenhos animados sobre o público infantil são mais acentuadas do que os programas com atores de verdade, já que as próprias características estéticas dos desenhos geram maiores níveis de atenção nas crianças. Muitos pais aprovam que seus filhos assistam desenhos sem se questionar o conteúdo, achando que pelo fato da estética do material não haverá perigo. No entanto, o prejuízo poderá ser igual ou até maior que as séries para adultos, segundo afirma Galera na sua investigação sobre ‘Televisão, violência e infância’.

O grau de atenção que os desenhos geram nas crianças é muito superior do que os programas com atores de verdade. Em 1985, a pesquisadora brasileira Laura Bastos comprovou que as crianças lembram mais de personagens de desenhos animados do que os nomes de personagens de séries ou novelas. Sobre um universo de 163 pessoas, as primeiras 39 lembradas pelas crianças foram personagens de desenhos animados, seguidos de 35 personagens de novelas<sup>ix</sup>.

O alto grau de penetração das mensagens televisivas por parte do público infantil, segundo Ferrés, permite que exista uma incorporação de conteúdos culturais, sociais, éticos e até psicológicos que acontecem tanto de forma consciente quanto inconsciente. Alusões ou incitação à violência física ou psicológica, tratamento grosso, imagens de crueldade, burla, ou graus de incitação sexual, são algumas das situações que podem ser incorporadas pelas crianças através da televisão.

### **Conduta e violência televisiva**

Vários estudos marcam a influência que os desenhos animados com violência exercem no comportamento agressivo das crianças. Apesar dos efeitos que estes programas possam provocar, o consenso geral entre pesquisadores de todo o mundo é que existem pessoas mais ou menos vulneráveis às mensagens televisivas em função das individualidades psicológicas e cognitivas, além dos tempos de exposição. São vários os





trabalhos que consideram preocupante como a violência influencia em curto e longo prazo atitudes e comportamentos dos espectadores. Violência na TV pode provocar:

- Efeito de imitação (Bandura, Ross e Zumkley): imitação das cenas violentas da TV.
- Fenômeno de desinibição (Berkowitz, Rawlings e Green): são ignoradas as normas de conduta ensinadas pelos pais, escola e cultura local, imitando padrões de conduta televisivos.
- Efeito de catarse (Biblow, Feshback e Singer): a violência televisiva serve como conduto de fuga para os instintos agressivos das crianças, contribuindo à diminuição da violência na realidade.
- Efeitos emotivos (Drabman, Thomas, Horton e Donnerstein): a exposição à violência televisiva provoca desensibilização diante de situações agressivas. Imagens violentas contribuem à excitação e estimulação das crianças, aumentando a possibilidade de que reajam de forma violenta.

### **As crianças e o desenvolvimento do sujeito**

O público infantil entre 1 e 6 anos foi delimitado pelo estudo por atravessar duas importantes fases de desenvolvimento psicológico e cognitivo, além de representar uma das faixas etárias com maior horas de exposição à programação da TV aberta. Traumas provocados pela influencia da TV podem se ver refletidos em alterações da conduta.

Durante o segundo e terceiro ano de vida, a criança apreende o uso da língua, estabelece uma identidade de gênero e controla o esfíncter. Segundo as teorias sexuais expostas no ‘Manuscrito K’ de Sigmund Freud, impulsos sexuais como imagens com alto conteúdo sexual podem influir nesse período na criação de uma imagem sádica do sexo, considerando o relacionamento dos próprios pais ou do que apareça na TV como uma ação violenta. Na fase fálica de desenvolvimento, o processo do pensamento das crianças é caracterizado pelo pensamento mágico, a falta de diferenciação entre pensamentos, ações e realidade; pensamentos simbólicos, particularmente visuais e verbais; ausência de causalidade e deduções lógicas, concretização e falta de capacidade para considerar mais de uma alternativa ou possibilidade. Também experimentam fluidez de identidade, ausência da noção de tempo e espaço e um predomínio do pensamento primário como fantasias, as brincadeiras, e sonhos. Nessa etapa aumenta a curiosidade e o impulso sexual. Esta condição psicológica prévia do telespectador, somada à sobre-estimulação sexual da TV, poderia provocar na criança desejos e



fantasias sexuais que tragam sentimentos de culpa, fobias, repressão massiva, alterações no sono, medo ou ansiedades.

A neurose fruto da sobre-estimulação sexual durante a infância pode se manifestar posteriormente através de lembranças inconscientes, quando o indivíduo passe à puberdade ou à idade adulta<sup>x</sup>. Dessa maneira, apesar da dificuldade de comprovar de forma empírica um fenômeno desse tipo, permanece latente a possibilidade de que os efeitos psicologicamente prejudiciais para as crianças de hoje possam ser parte dos traumas que sofram os adultos do amanhã.

### **Efeitos da TV e construção da realidade**

Cada imagem, cada palavra, insinuações ou sons que transmite a tela são mensagens que recebemos e incorporamos, de forma consciente ou inconsciente, e que nos permite configurar todo um sistema social de crenças que vão desde o religioso, o político, e o econômico, até os valores morais e as condutas sexuais.

A televisão é um objeto que representa a realidade desde uma perspectiva única e focalizada, e que a maior parte da sociedade tende a lhe dar o valor de um olhar pluralista. Porém, o grau de verdade atribuído à TV, como elemento transmissor de cultura e de veracidade, é o principal atributo que permite ao sistema introduzir mudanças culturais, sociais e econômicas. A concentração dos meios de comunicação para induzir modificações em questões sociais é um fator que pode influir de forma negativa no desenvolvimento cognoscitivo das crianças entre um e seis anos de idade. Telejornal e novela, realidade ou fantasia?, certo ou errado?. Existem vários graus de penetração das mensagens que podem ser prejudiciais ou não, enquanto a presença dos pais com o pequeno espectador poderia diminuir ou anular este risco.

Desde o paradigma de Piaget, sobre a teoria do conhecimento, a conduta do ver, apreender, imitar pode ser contraproducente para as crianças quando os exemplos a ser imitados nos programas mostram desde o uso vulgar de linguagem, a falta de respeito com familiares, adultos e desconhecidos, a trivialização das relações sociais, a sexualidade precoce, situações de violência verbal ou física, prevalência de contravalores, discriminação, o consumo de bens materiais como garantia de êxito social e a criação de estereótipos em detrimento da diversidade.

Os níveis de exposição da audiência ao meio é o que influirá com mais ou menos força nas transformações culturais, segundo pesquisou De Fleur na ‘Teoria da comunicação de massas<sup>xi</sup>’. Por meio da formação de atitudes diante de novos temas, com sutis



mudanças no sentimento individual e coletivo imperceptíveis nas ações dos indivíduos, podem ser induzidas as transformações culturais. Apesar de que não existem teorias apoiadas na investigação científica, esta prática tem sido utilizada com efetividade em grandes campanhas publicitárias para modificar a conduta com grandes resultados.

### **Qualidade televisiva e irregularidades**

As reiteradas transgressões da Lei de Radiodifusão Nº 22.285 que regulamenta a nível nacional o Horário de Proteção ao Menor, conhecido no Brasil como o Horário de Proteção à Criança e Adolescente, são o principal fator que torna os meios de comunicação televisivos um elemento nocivo para o público infantil.

Um estudo realizado em 2004 pela Universidade Austral e encarregado pelas empresa Repsol-YPF, QuickFood e a fundação La Nación determinou que nos principais canais da TV aberta 92% dos ciclos de entretenimento fazem um uso vulgar de língua espanhola, 55% dos programas de ficção transmitem contra-valores como a mentira e o fraude e 60% dos tele-jornais utilizam linguagem de ficção para divulgar as notícias<sup>xii</sup>. Sobre os programas de informação geral, 35% apresentaram violência física ou verbal, entando 81% dos ciclos de ficção utilizavam linguagem vulgar.

Em 2004, através de uma enquête realizada pelo COMFER na 30ª Feria Internacional do Livro, 4.983 crianças e adolescentes consultadas escolheram como programas preferidos a dois ciclos com conteúdo não adequado. Do total de respostas, 45% escolheram a novela cômica ‘Los Roldán’, que faz uso vulgar da linguagem, cenas de discriminação, e o casamento de um homem com um travesti, além de violência injustificada. Os programas com maiores índices de audiência são também os que receberam maior número de críticas além de apresentar o maior número de infrações às leis de conteúdos, transgredindo o horário de proteção ao menor.

A série catalogada para o público infanto-juvenil ‘Patinho Feio’, por Canal 13, provocou diversas críticas por parte da opinião pública desde seu lançamento, em 2007<sup>xiii</sup>. A novela apresenta cenas de violência, discriminação, atitudes obscenas e de sexualidade precoce. No entanto, o grande fenômeno que nem os produtores do programa imaginaram, foi o fato dos espectadores se identificarem mais com a personagem malvada do que com a atriz principal, ‘Patinho’. O público feminino que assiste o ciclo deu maior popularidade à personagem de ‘Divina’, a adolescente que transforma num inferno a vida de ‘Patinho Feio’, a boazinha, porque o público preferiu



valorizar mais o lado estético da atriz do que os valores morais que o ciclo tenta transmitir.

O medo das meninas e adolescentes de ser chamadas de gordas, feias, negras, baixinhas, ou pobres transformou os atributos estéticos e as características socioeconômicas em virtudes popularmente aceitas com maior peso do que os valores morais.

Esta conduta do público juvenil foi refletida através dos jornais de circulação nacional que denunciaram que entre 2006 e 2007 houve um aumento de 157% no número de denúncias por discriminação no país de acordo com o Instituto Nacional Contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo (INADI). Desde o começo de 2008, já foram registradas 252 denúncias por discriminações no âmbito escolar, enquanto em todo 2007 foram documentados 170 casos. A subsecretária de Equidade e Qualidade do Ministério da Educação, Susana Montaldo, responsabilizou em parte os exemplos dados pela televisão. “Anteriormente, a escola era a agência privilegiada pela transmissão da cultura e dos modelos de identidade. Hoje essa função é compartilhada com os meios de comunicação”, disse a subsecretaria.

O caso modelo de recorde de faltas no horário de proteção à criança foi registrado no programa ‘Duro de Domar, em Canal 13, onde aconteceram 16 infrações em três minutos, em uma única matéria. O programa utiliza o palavrão e a vulgaridade contras as pessoas entrevistadas para tentar provocar comicidade. Atores e atrizes são insultados ou são submetidos a perguntas obscenas e comentários mal intencionados.

O programa ‘Show Match’, foi sancionado pelo COMFER em 2006 porque no conhecido concurso da ‘Dança dos famosos’, as mulheres eram exibidas como um objeto sexual, utilizando tangas fio dental para dançar. No mesmo ciclo, a emissora foi multada por apresentar um show de strip-tease em horário de proteção ao menor. Porém, hoje em dia o programa continua transgredindo a lei sem sequer ter pago as multas que iniciais.

O próprio COMFER reconheceu a falta de agilidade na sanção de irregularidades e destacou que diante das inúmeras instâncias de apelação das emissoras de TV, a grande maioria dos casos acaba no esquecimento.

### **Considerações finais**

A comprovação da ausência de programação infantil para crianças entre 1 e 6 anos de idade na cidade de Buenos Aires revela a pouca importância que as emissoras de televisão dedicam ao correto desenvolvimento desse público sem oferecer conteúdos de qualidade. Ao longo de quatro anos de estudo, o público infantil dessa idade, que



representa 11,08% da população da cidade, não foi contemplado nem com 3% da programação dos programas.

A falta de representatividade do público infantil na tela demonstrou que diante da ausência de ciclos próprios para crianças, esse público se divide assistindo programas dirigidos a outro tipo de público, cujo conteúdo pode resultar nocivo para seu correto desenvolvimento. Os programas catalogados como infantis pelos canais de TV não superaram um ponto de rating de IBOPE (96.782 pessoas) já que somente 31,45% das crianças vêem a programação infantil enquanto 68,55% desse público assiste os programas de TV não infantis.

A falta de adequação das mensagens e os maus exemplos em horários em que as crianças assistem TV podem provocar nestes telespectadores desde alterações na conceição da realidade, compreensões erradas dos sistemas de conduta culturais até traumas psicológicos.

Embora no Brasil algumas características sobre o campo de estudo sejam diferentes, a televisão representa um importante fator de influência para as crianças entre 1 e 6 anos.

No país, estudos do grupo Eurodata TV Worldwide<sup>xiv</sup> destacaram que a criança brasileira é a que mais vê TV no mundo, com uma média diária de três horas e 31 minutos por dia. Inclusive os psicólogos americanos da Universidade de Yale, Jerome e Dorothy Singer, destacaram que 82% das mães brasileiras afirmam que assistir à TV é a atividade mais comum de seus filhos, dando uma dimensão real da penetração dos programas de TV e seu conteúdo dentro de cada célula familiar e especialmente dentro da mente das crianças. As problemáticas destacadas pela pesquisa feita na cidade de Buenos Aires, se enquadram tanto na cidade de São Paulo, como em Florianópolis, confirmando este fenômeno nos pontos principais. No Brasil, o fato da TV aberta ter maior número de canais à disposição faz diminuir a falta de representatividade geral, porém as crianças ainda não são consideradas com programação de qualidade nas emissoras com maior audiência e abrangência. Os poucos canais que respeitam a regulamentação nacional sobre conteúdos são TV Futura e as diversas TVs Cultura de cada Estado. Atualmente, os canais com maiores índices de audiência como TV Globo, Rede Record e SBT apresentam irregularidades: excesso de violência, distorção dos valores, cenas de alto conteúdo erótico, consumismo, e até exemplos de discriminação. Os programas infantis da televisão aberta transmitem desenhos animados com altos índices de violência, sem estar bem enquadrados no Manual de Classificação Indicativa da TV feito pelo Ministério da Justiça. Os ciclos considerados infantis pelas emissoras



somente poderiam ser presenciados por maiores de 10 ou 12 anos de acordo com a regulamentação, já que a maioria apresenta entre 10 e 30% de conteúdo violento com sofrimento da vítima, além de comportamentos repreensíveis. Na maioria dos casos, desenhos de grande audiência infantil como Yugioh, Naruto, Avatar, ou Pokemon possuem altos índices de violência não justificada.

O poder de introduzir transformações sociais de forma individual através dos conteúdos televisivos simboliza uma espada de dois gumes. Dependerá do bom senso das empresas televisivas transformar o meio numa ferramenta de progresso social, cultural e cognitivo ou de exclusiva promoção comercial. Como exemplo positivo, dois estudos recentes do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)<sup>xv</sup> sobre o impacto das novelas da rede Globo no público feminino, comprovaram que a representação da sociedade através da tela provocou uma diminuição, por escolha própria, dos índices de fertilidade das mulheres de classe baixa, representando mais dois anos de escolaridade ganhos. A outra investigação mediu o impacto dos conteúdos na independência feminina diante divórcios ou separações familiares<sup>xvi</sup>, revelando um resultado comparável a mais seis meses de instrução por parte da mulher.

O controle de qualidade dos conteúdos televisivos por parte do Estado e da sociedade, somado ao comprometimento de auto-regulamentação dos canais da TV Aberta são hoje contas pendentes a serem contempladas. Tomar providências sobre os sinais que o público já está revelando permitirá evitar a aceitação de contra-valores por parte das gerações futuras e a introdução de mudanças culturais prejudiciais para a vida em sociedade, diante de um fenômeno cada vez mais globalizado.

---

### Referências Bibliográficas

<sup>i</sup> MAYER, Marcos. **La era del homozapping**, Revista Ñ, Clarín.. Buenos Aires, Argentina. 10 de julho de 2004

<sup>ii</sup> LERMAN, Gabriel; NOACCO, Silvana; SANTORO, Daniel e TORTEROLA, Emiliano. **Qué ves cuando me vês**. Laboratório de Industrias Culturais, Secretaria de Cultura – Presidência da Nação. Argentina. 2006.

<sup>iii</sup> BOWNE, Kevin D. e HAMILTON-GIACHRITSIS, Catherine. **The influence of violent media on children and adolescents: a public health approach**. The Lancet, United Kingdom, v 365, n. 946, p.702, fev.2005. [http://www.thelancet.com/journals/lancet/issue?issue\\_key=S0140-6736\(00\)x9466-4](http://www.thelancet.com/journals/lancet/issue?issue_key=S0140-6736(00)x9466-4)



- <sup>iv</sup> DEL RÍO ALVAREZ, Miguel e BLÁS, Román Mariano. **Programación infantil de televisión: Orientaciones y Contenidos Prioritarios**. Instituto Oficial de Radio y Televisión, RTVE. EGRAF S.A . España. 2005.
- <sup>v</sup> DORFMANN, Ariel. **Como entender o pato Donald**.s.l. s.n. [entre1990-2000]
- <sup>vi</sup> CAIRO, Guillermo; ROTUNDO, Beatriz e MOYANO, Renzo. **Una cuestión preliminar al análisis de contenidos de los dibujos animados**. Publicações Digitais COMFER. Argentina. 2000.
- <sup>vii</sup> SHAFFI MD, Mohammad e LEE SHAFFI, Sharon. **Desarrollo Humano**. ed Ateneo. Buenos Aires. 1985.
- <sup>viii</sup> FERRÉS, Joan,. **Televisión y Educación**. ed Paidós. Buenos Aires 1994.
- <sup>ix</sup> BASTOS, Laura. **A Criança diante da TV. Um desafio para os pais**. ed Vozes. Petrópolis. 1988.
- <sup>x</sup> FREUD, Sigmund. (1896) **Manuscrito K. La neurosis de defensa -Un cuento de Navidad**. Amorrortu Editores. Buenos Aires. Mar.2006. v 1, p 260.
- <sup>xi</sup> DE FLEUR, Melvin e BALL-ROKEACH, Sandra. **Teoría de la comunicación de masas**. ed Paidós. Barcelona, España. 1995.
- <sup>xii</sup> **Cuestionamientos a la calidad de televisión nacional**. Diario La Razón. 16 de Julho de 2005. Buenos Aires, Argentina.Caderno Atualidade. p 9.
- <sup>xiii</sup> **Patito Feo**. Revista Noticias. ed Perfil.Mar. 2008. Buenos Aires. Argentina.
- <sup>xiv</sup> ROGÉRIO, Cristiane e FORESTI, Foresti. **TV e computador: você é o filtro**. Crescer. ed Globo. 2008. Site: <http://revistacrescer.globo.com/Crescer/0,19125,EFC1671378-2216,00.html>
- <sup>xv</sup> CHONG, Alberto; LA FERRARA, Eliana e DURYEA, Suzanne. **Soap operas and fertility. Evidence from Brazil**. Bocconi University and IGIER e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Outubro 2008. Washington DC. Estados Unidos.
- <sup>xvi</sup> CHONG, Alberto e LA FERRARA, Eliana. **Television and Divorce. Evidence from brazilian novelas**. Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Escritório de investigação. Working Paper #651. Janeiro 2009. Washington DC. Estados Unidos.